

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de História

Um relato da chegada do protestantismo no Brasil
e a implantação da Igreja Batista em Natal

Leticia Oliveira Brito



Natal (RN) 2004

Letícia Oliveira Brito



Um relato da chegada do protestantismo no Brasil
e a implantação da Igreja Batista em Natal

*Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, ministrada pela Professora Denise
Mattos Monteiro, do Curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a
orientação do Professor Wicliffe de Andrade Costa.*

Natal (RN), 2004

Agradecimentos

Agradeço e exalto a Deus por ter conduzido meus passos para que enfim pudesse chegar à execução desse tão almejado e batalhado projeto de forma coerente e precisa dando-me garra, persistência e fé, onde a vitória não é só minha e sim de todos que de uma forma particular contribuíram para a realização dessa conquista. Aos meus pais, amigos e professores que fizeram parte da minha vida nesses últimos anos, dando-me apoio e esperança para eu sempre persistir e jamais desistir. Em particular ao meu professor Wicliffe, que teve paciência e dedicação.

Sumário

1. Introdução	05
2. O Protestantismo no Brasil	07
2.1. Os primeiros indícios de evangélicos no Brasil	07
2.2 A nova tentativa de implantar o protestantismo no Brasil e sua expansão	09
2.3 As mudanças ocorridas na sociedade face a implantação do protestantismo	19
3. Antecedentes históricos dos batistas	23
3.1 Origem dos batistas	23
3.2 Os Batistas no Brasil	24
4. O Protestantismo no Rio Grande do Norte	27
4.1 Os antecedentes históricos dos evangélicos no Rio Grande do Norte	27
4.2 A primeira igreja Batista no Rio Grande do Norte	30
4.3 Relatos do Primeiro Instituto Batista em Natal e as novas igrejas	32
5. Conclusão	36
6. Bibliografia	38

Introdução

No presente trabalho faremos uma retrospectiva da chegada do protestantismo no Brasil e relatando posteriormente sua implantação no Rio Grande do Norte e em especial daremos ênfase a consolidação dos batistas em Natal.

Entretanto, para chegarmos até os batistas em Natal foi necessário uma busca de dados desde o início do protestantismo no Brasil até sua consolidação no Rio Grande do Norte. Sendo assim, destacamos no primeiro capítulo a primeira chegada do protestantismo com os franceses no período entre 1555 e 1567, através de uma expedição comandada pelo vice-almirante Nicolas Durand, desembarcada na Baía de Guanabara.

Posteriormente os holandeses também se interessaram pela conquista da “nova terra” para a divulgação do protestantismo. Assim, no ano de 1624, os holandeses desembarcaram no Brasil mais precisamente em Salvador, que na época, era a capital do Brasil.

Observamos, então, que os primeiros indícios de um protestantismo no Brasil deu-se ainda no período colonial, porém, neste período a igreja católica juntamente com o estado detinham o poder político-econômico e não permitia a entrada de religiões tidas como acatólicas.

Tanto os holandeses quanto os franceses ao saírem do Brasil, no seu primeiro período de tentativa de conquista territorial para propagar o evangelho, não deixaram nenhum vestígio de uma igreja protestante.

Mesmo em meio ao primeiro fracasso na tentativa de implantação do protestantismo, os protestantes não se desestimularam.

Ressaltamos que existiram dois fatores de maior importância para a definitiva chegada do protestantismo no Brasil, os tratados de 1810, que permitiam a livre circulação de estrangeiros no Brasil e, conseqüentemente, entre tais estrangeiros poderiam vir os protestantes.

Realizado os tratados de 1810 a introdução do protestantismo ocorreu de duas formas: a do protestantismo de imigração, que tinha como finalidade enviar missionários para o Brasil

para a divulgação do evangelho, contudo, seus primeiros missionários falavam somente o inglês dificultando dessa forma a comunicação entre brasileiros e missionários, ocasionando por muito tempo a homogeneidade das igrejas. A outra forma que podemos estabelecer foi a do protestantismo de conversão que tinha como finalidade o crescimento de conversões no Brasil.

Num Brasil, que era extremamente católico, com sua política pré-estabelecida não se autorizava casamentos em outra religião, bem como os registros de nascimento feitos por casais protestantes não eram válidos e as crianças consideradas como hereges.

Já que o Brasil fazia uma certa tolerância religiosa via-se a necessidade de algumas mudanças na política e sociedade como a autorização de casamentos protestantes e a inclusão de escolas protestantes no Brasil, assunto esse que será abordado no primeiro capítulo.

A partir do segundo capítulo daremos ênfase aos antecedentes históricos referentes aos batistas, a origem da denominação batista, o início do trabalho batista no mundo, assim como sua chegada ao Brasil e a influência dos batistas norte-americanos.

Enfim, no último capítulo, enfatizaremos o protestantismo no Rio Grande do Norte, bem como a sua primeira implantação na cidade de Mossoró no ano de 1883.

Seguindo nossa retrospectiva estaremos demonstrando o ingresso da Igreja Batista em Natal, sua primeira instalação, a criação do Instituto Batista trazido ao Brasil pelos americanos, a primeira Convenção Batista e as várias divisões ocorridas na Igreja Batista fazendo com que surgissem outras denominações ligadas a Igreja Batista.

2 – O Protestantismo no Brasil

2.1. – Os primeiros indícios de evangélicos no Brasil

Os primeiros protestantes que chegaram ao Brasil foram os de origem francesa (1555-1567). A expedição francesa chegou a Baía de Guanabara comandada pelo vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon para fundar a “França Antártica”. Tal empreendimento teve o apoio do almirante huguenote Gaspar de Coligny, que foi morto posteriormente no massacre do dia de São Bartolomeu (24-08-1572).

Segundo relata João Santos a vinda dos franceses para o Brasil “além do caráter expansionista do mercantilismo emergente, refletia uma conjuntura particular da França, que cindida com a disputa religiosa entre o catolicismo romano e o protestantismo reformado, percebeu a longínqua terra brasileira um ‘exílio’ ideal para refugiados das guerras e migrações religiosas. Ou seja, o caráter idílico do Brasil se apresentava também como um ‘paraíso’ sedutor para a liberdade religiosa, para os protestantes particulares”.¹

A França Antártica é considerada como a primeira tentativa de estabelecer tanto uma igreja quanto um trabalho missionário protestante na América Latina. Entretanto, o Brasil fora descoberto pelos portugueses que tinham como religião oficial o catolicismo e dessa forma o catolicismo foi inserido no Brasil pelos jesuítas. A religião católica tinha grande poder, pois era ligada ao Estado na época da colônia, detinha o grande monopólio e conseqüentemente manobrava a economia.

Podemos constatar então que os primeiros protestantes chegaram ao Brasil ainda no período colonial, tendo sido celebrado no dia 10 de março de 1557 o primeiro culto evangélico no Brasil e talvez das Américas.

Embora os franceses não tivessem conseguido fixar o protestantismo no Brasil, constatando assim o primeiro fracasso frente à implantação do protestantismo, a Europa não deixou de se voltar com os olhos gananciosos para o Brasil, pois para combater a crise

¹ SANTOS, João Marcos Leitão. *História das religiões no Brasil*. p. 219.

econômica do açúcar na Holanda, os europeus buscavam conquistar novas terras para desenvolver o seu comércio.

Em 1621, os holandeses criaram a Companhia das Índias Ocidentais com o objetivo de conquistar e colonizar territórios da Espanha nas Américas, incluindo, nesse caso, o Brasil que possuía na época uma região açucareira rica, o Nordeste. Então, em 1624, os holandeses conquistaram Salvador que, no período colonial, era a capital do Brasil, mas sua conquista não logrou êxito e no ano seguinte, os holandeses foram expulsos da Bahia. Finalmente, em 1630 os holandeses invadiram Recife e Olinda e depois boa parte do Nordeste.

Para que a dominação do Nordeste pelos holandeses prosperasse seria necessário à organização de um governo, para isso a Holanda enviou ao Brasil Maurício de Nassau, que governou no período de 1637 a 1644.

Na época colonial o Brasil era dominado pela religião católica que não permitia a liberdade religiosa. Como então introduzir o protestantismo? Nesse momento Maurício de Nassau ganha destaque, pois, além de administrador, promoveu a cultura, as artes e as ciências e concedeu uma boa medida de liberdade religiosa tanto para os católicos como para os judeus residentes no Brasil.

Assim como o Brasil possuía uma religião oficial, a Católica Romana, implantada pelos jesuítas, a Holanda tinha como oficial a Igreja Reformada que aos poucos vinha introduzindo no Brasil. Quando começaram a se instalar no Brasil criaram vinte e duas igrejas locais e congregações, dois presbitérios (Paraíba e Pernambuco) e até mesmo um sínodo, o Sínodo do Brasil (1642-1646). Contabilizou-se mais de cinquenta pastores ou “predicantes” no trabalho dessas comunidades.

Podemos dizer que a Igreja Reformada teve papel importante na obra missionária junto aos indígenas. Os holandeses, diferentemente dos jesuítas, procuraram preparar um catecismo na língua nativa bem como a tradução da Bíblia para a língua indígena e a preparação e ordenação de pastores indígenas, visto que os missionários eram pessoas que passavam um determinado tempo na região e depois se deslocavam para evangelizar outras áreas. Ao saírem precisariam deixar a semente plantada e alguém para prosseguir no trabalho de

propagação do evangelho nas aldeias, contudo o afastamento dos missionários possibilitava o enfraquecimento e o fim do trabalho realizado naquela região.

Os holandeses enfrentaram no Brasil várias lutas contra sua expulsão que conseqüentemente afetaram também a divulgação do protestantismo. Após dez anos de lutas, em 1654, os holandeses são expulsos do Brasil e as portas ao protestantismo foram fechadas por mais de 150 anos.

Com a saída dos holandeses não ficou nenhum resquício do protestantismo, pois todos os protestantes que estavam no Brasil eram estrangeiros e o governo português não consentia o desembarque de forasteiros, pois através deles poderiam vir os protestantes, já que em Portugal inexistia o protestantismo.

2.2 – A nova tentativa de implantar o protestantismo no Brasil e sua expansão.

No início do século XIX, não se encontrava no Brasil nenhum vestígio de protestantismo. Tanto os franceses como os holandeses quando estiveram no Brasil, no período colonial, ao serem expulsos levaram consigo todos os resquícios de uma igreja reformada, até mesmo os sinais de sua catequese indígena desapareceram².

As portas para o protestantismo começaram a se abrir com a vinda da família real para o Brasil e a partir dos tratados de 1810, que são, o “Tratado da Aliança e Amizade” e o “Tratado de Comércio e Navegação” que promoveram o interesse britânico com relação à economia brasileira. Sendo assim, a posição hegemônica da Inglaterra influenciaria poderosamente, não só na busca de vantagens econômicas, mas também na definição de privilégios de caráter religioso, dada a sua condição de nação oficialmente protestante.

² RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. p. 15

Com o Tratado de Comércio e Navegação, o qual facilitava as idas e vindas dos protestantes, entrou no Brasil um bom número de reformados por causa da tolerância religiosa imposta por este tratado.

Os ingleses passavam a celebrar seus cultos protestantes a bordo de seus navios de guerra ancorados no porto do Rio de Janeiro ou em residências particulares inclusive a de Lord Strangford³. Fato interessante é que ao mesmo tempo em que os tratados permitiam “livre” trânsito para qualquer pessoa, inclusive os protestantes, sua liberdade de culto era de certa forma restrita, pois não podiam construir templos evangélicos, as casas que realizassem cultos deveriam ser as mais discretas possíveis, de preferência casas domésticas ou particulares e não poderiam ser realizados cultos ao ar livre.

Em 1816 desembarcava o capelão anglicano Rev. Robert Crane, em 1817, “Jerimah Flyn, clérigo” de Londres e em 1819 começava a construção do templo sujeito às restrições do Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação. Só em 1820 os cultos passavam a realizar-se dominicalmente⁴. Participavam desses cultos estrangeiros protestantes de língua inglesa como funcionários de embaixada, comerciantes, marinheiros, viajantes de passagem pela cidade.

Não há notícias da existência de algum brasileiro protestante, por isso, deve-se ter dado a dificuldade de realizar uma maior propagação do protestantismo no Brasil, visto que, as comunidades evangélicas que aqui chegavam constituíam-se puramente de estrangeiros e a comunicação tornava-se difícil entre as pessoas.

O Brasil proclamava sua independência e estabelecia sua 1ª. Constituição Imperial (1824), nessa constituição reafirmava a tolerância religiosa. Com o apoio de uma constituição os caminhos para a propagação do evangelho começavam a se expandir e em 1827 foi fundada no Rio de Janeiro a Comunidade Protestante Alemã-Francesa, vindo a congregar-se ao lado de luteranos, reformados, alemães, franceses e suíços.

³ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. p.17

⁴ Idem. *ibidem*.



Vários núcleos protestantes começavam então a surgir, mas a falta de uma assistência pastoral permanente fazia com que a fé religiosa protestante enfraquecesse, mesmo assim algumas congregações evangélicas se consolidaram, como foi o caso do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, na Corte, em Minas Gerais e no Espírito Santo.

As igrejas protestantes norte-americanas não poderiam ficar de fora dessa nova conquista, e para introduzir o culto protestante no Brasil, por volta de 1835, enviava os primeiros pastores com propósitos de evangelização e assistência pastoral aos cidadãos norte-americanos.

O pastor que se destacou nesse trabalho de assistência pastoral no Brasil foi o Rev. Daniel Parish Kidder. Em 1837, viajava pelo país observando as regiões e providenciando a distribuição de Bíblias. Podemos observar que no primeiro momento da chegada dos americanos houve dificuldades para propagar o evangelho por causa da duplicidade de línguas.

Em 1855 o Dr. Robert R. Kalley, médico e pastor escocês, iniciou o ensino bíblico em português. Foi pastor na Ilha da Madeira, mas sua congregação sofreu violentas perseguições, mudou-se para o Rio de Janeiro e levou com ele algumas famílias de seus antigos fiéis e organizou na corte, em 1858, a primeira igreja protestante de língua portuguesa no Brasil, a atual Igreja Evangélica Fluminense. Em 12 de janeiro de 1862 organizava-se no Rio de Janeiro a primeira igreja presbiteriana brasileira.⁵

A propagação do protestantismo foi levada também para São Paulo, no ano de 1863, através do Rev. Alexander L. Blackford, cuja missão era divulgar sua fé entre os brasileiros. No ano seguinte o padre paulista José Manoel da Conceição converteu-se ao protestantismo. Imediatamente fundou os presbiterianos, o seu jornal, denominado a Imprensa Evangélica, com sua publicação bimensal.

Observamos que a expansão do protestantismo no Brasil começava a aumentar, talvez pelo fato de realizarem cultos ou reuniões em português e até mesmo por ter um jornal para melhor comunicação.

⁵ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. p. 19.

Como pretendemos deixar claro a chegada do protestantismo no Brasil, então analisaremos as duas formas de inserção do protestantismo, tanto o Protestantismo de Imigração quanto o Protestantismo de Conversão.

O protestantismo de imigração introduziu-se principalmente no sul do país. As duas primeiras capelas protestantes que surgiram no Rio de Janeiro foram fundadas por anglo-saxões e alemães.

As igrejas luteranas, além da região sul, expandia^{se} pelo Espírito Santo e Minas Gerais. Os luteranos permaneceram durante cerca de 40 anos totalmente desvinculados das organizações eclesiásticas de origem. Somente a partir de 1886 as igrejas luteranas da Alemanha começavam a enviar ministros, fundando-se então a Igreja Evangélica Alemã do Brasil.

Apesar de alguns problemas quanto a acomodação do grupo protestante Cândido Camargo faz uma observação “considerando as missões enviadas ao Brasil, cumpre citar por seu sucesso em contornar inúmeras dificuldades de acomodação do grupo protestante alemão, a do Sínodo Luterano de Missouri, fundado nos Estados Unidos e aqui instalado a partir de 1904, vindo a se constituir a Igreja Evangélica Luterana do Brasil”.⁶

Após a II Guerra Mundial os luteranos foram reunidos na Federação Sinodal mais tarde substituído pelo nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O Sínodo de Missouri mantinha suas pregações em alemão e fazia também pregações em português nas igrejas e escolas, após a II Guerra Mundial o Sínodo Missouri mostrava melhor condição de expansão. O luteranismo manteve, durante longo período, o uso da língua alemã reforçando, assim, o isolamento do grupo considerado culturalmente homogêneo.

No protestantismo de imigração, como o luteranismo, buscava-se preservar a língua alemã nas pregações, tradições e manter o vínculo de dependência com a igreja de origem, sólida identificação cultural, formando subculturas no país receptor.

⁶ CAMARGO, Cândido Procópio F. *Católicos, protestantes, espíritas*. p. 107

Segundo Cândido Camargo “O início do trabalho missionário, principalmente de procedência norte-americana, redundou na formação das congregações dos presbiterianos e batistas respectivamente nos anos de 1869 e 1882”.⁷

Em 1836 foi fundada a “sociedade” metodista apoiada nos grupos de imigrantes anglo-saxônicos, com a finalidade de dar início ao trabalho missionário, resultando assim a criação de uma escola para crianças brasileiras e estrangeiras.

Os missionários eram vistos como difundidores de ideologias exóticas e com tradições contrárias à sociedade brasileira católica. Mesmo assim, as dificuldades iniciais foram superadas com o aumento de conversões ao protestantismo e a independência das igrejas era cada vez maior.

Segundo Cândido Camargo “... A dependência administrativa e econômica das denominações protestantes brasileiras em face de missões fundadoras estrangeiras ocasionou, quase invariavelmente, tentativas de autonomia das igrejas nacionais, gerando conflitos de poder muitas vezes expressos em termos doutrinários”.

Em 1903 os adeptos da igreja presbiteriana estavam divididos quanto à aceitação da filiação de seus membros à maçonaria. A separação, então ocorrida, tinha como idéia criar uma igreja brasileira separada da tutela das missões estrangeiras, com esta separação culminou na constituição em São Paulo do ramo Presbiteriano Independente em 1 de agosto de 1903.

O protestantismo foi, no início, combatido pelas classes dominantes e tido como religião estranha à tradição cultural do país, sendo vista como religião de estrangeiros, entretanto, aos poucos ganhava força e ênfase o trabalho dos missionários. O país atravessava a partir de 1930 uma transformação social e com ela uma certa aceitação do protestantismo.

No protestantismo de conversão ocorreu outra mudança nas igrejas as quais, as mais antigas, perderam seu ímpeto de proselitismo para um maior cuidado das congregações já estabelecidas. As igrejas protestantes começavam a se expandir nos centros mais urbanos e formavam grandes comunidades religiosas.

⁷ CAMARGO, Cândido. Op. cit. p. 111.

Analisando o protestantismo de conversão observamos que ele possui uma característica muito forte do pentecostalismo, no qual daremos destaque a Igreja Assembléia de Deus, fundada em 1911 na capital do Pará, por dois missionários de origem sueca. Mas o trabalho pentecostal não parou, sendo assim, o pentecostalismo expandiu-se surgindo a Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”, criada em 1955 na cidade de São Paulo, por brasileiros. A igreja “O Brasil para Cristo” dispunha de meios de comunicação para divulgar o evangelho facilitando assim uma maior conversão ao evangelho.

De acordo com Cândido Camargo “Analisando o quadro atual do protestantismo, nota-se o expressivo predomínio dos grupos pentecostais, cujo estilo de proselitismo se caracteriza por constante e emocional apelo à conversão, atingindo em especial, mas não exclusivamente, a população de classe baixa nos centros mais urbanizados. A esse padrão também por vezes se aproximam, em campanhas de evangelização, líderes e adeptos de outras denominações, como a dos batistas e, mais raramente, a dos metodistas”.⁸

Como surgiu então o Protestantismo no Brasil que era tão Católico?

Inicialmente o Protestantismo era para imigrantes, fazendo com que tornar-se uma religião de minoria, na qual tinha exclusivamente população estrangeira e conseqüentemente uma pequena mistura de culturas. ?

Para Candido Camargo “... os grupos minoritários tendem a desenvolver de modo mais intenso a vivência de sentimentos religiosos, freqüentemente exteriorizada em ativa colaboração nas práticas comunitárias organizadas pelas igrejas”.⁹

Havia uma certa separação e diferenciação social dentro da sociedade brasileira católica, os protestantes eram isolados em suas comunidades e os fiéis eram proibidos a aderirem costumes contrários à religião reformada. Essa diferenciação social sofria alterações na medida em que a minoria étnica era assimilada ou aceita na sociedade brasileira. Embora a conversão ao protestantismo era coisa para classe média baixa, os protestantes atingiram a pequena burguesia e o proletariado urbano. As Igrejas Presbiterianas e Metodistas ganharam adeptos da elite tradicional e da classe média, em especial no Sul do país.

⁸ CAMARGO, Cândido. Op.cit. p. 113

⁹ Idem. ibidem. p. 116.

Muitas igrejas católicas por serem localizadas em pontos distantes tinham uma desigual distribuição do clero e algumas regiões ficavam “abandonadas” em relação a presença do catolicismo, possibilitando assim, uma ótima propagação do evangelho pelos protestantes.

Por que ocorriam as conversões ao protestantismo? A sociedade católica buscava um melhor significado para a vida encontrando e encontrava? no protestantismo uma nova experiência e uma diferente explicação para a existência do Universo. A conversão ao Protestantismo ocorre dentro de um quadro de Catolicismo tradicional urbano, com religiosidade institucionalizada e níveis de prática religiosa bastante reduzidos. Os católicos, ao se converterem ao protestantismo, passam a entender o catolicismo como extremamente ritualista e santorial, pelo fato de nos cultos evangélicos não seguir uma mesma ordem para a celebração, diferentemente a igreja católica segue uma ordem de missa pré-estabelecida através de um “jornalzinho” enviado pela arquidiocese da cidade. *Essa análise é sobre a atualidade não?*

O protestantismo abria oportunidades às pessoas terem acesso a hierarquia formal como cita Cândido Camargo “A democratização interna da igreja, a partir do fundamento central do ‘sacerdócio de todos os crentes’, não somente abria nova possibilidade de participação para os leigos, como também facilitava para estes os caminhos de acesso à hierarquia formal”.¹⁰

Entre os fiéis protestantes os padrões de conduta tinham como características principais honestidade nos negócios, não ter vícios como de fumar e beber; não frequentar diversões profanas, não participar de jogos de azar, não ter relações sexuais extraconjugais.

Com todas essas restrições estabelecidas pela igreja protestante quem passa a ganhar mais tranquilidade na sociedade é a mulher, que antes sofria com o adultério comumente praticado no patriarcalismo. Com os novos padrões de conduta protestantes obtêm-se igualdade de direito e deveres para ambos os cônjuges e até mesmo o adultério que outrora já era condenado pela igreja católica também o era pela igreja protestante.

Ao se converter ao protestantismo, os fiéis deveriam seguir algumas normas impostas pela igreja, caso não fossem cumpridas, seria colocado em disciplina pelo pastor, como seria

¹⁰ CAMARGO, Cândido. Op. cit. p. 137.

o membro da igreja permaneceria excluído parcialmente dos trabalhos da igreja e em casos extremos, excluído da mesma. Desta forma já daria para perceber que a conversão resultaria, de certo modo, ao cumprimento de algumas regras pré-estabelecidas por cada denominação, pois cada denominação possui suas características próprias, citaremos um exemplo conhecido por todos, as mulheres da Igreja Assembléia de Deus devem usar saias, não podem usar brincos e de preferência que não cortem os cabelos curtos.

No que se diz respeito a família a dos protestante era vista com um formato de unidade, composta por membros praticantes, diferenciando-se assim do catolicismo brasileiro que via a mulher como membro primordial do exercício da prática religiosa. No protestantismo todos os membros da família passavam, então, a participar dos cultos religiosos, como por exemplo, ao realizar-se “cultos domésticos”, consiste basicamente em orações e leitura da Bíblia, havia um revezamento entre os membros de acordo com seu grau de conhecimento intelectual e religioso.

Desde os primeiros trabalhos missionários tinha-se a preocupação com o analfabetismo, fato que interferiria na leitura da Bíblia. A tarefa educativa começou primeiramente com os filhos dos convertidos, abrangendo mais tarde as escolas de ensino primário e secundário. Em São Paulo criou-se a Escola Americana, tendo o apoio e supervisão da missão presbiteriana norte-americana, no ano de 1870. Com sua expansão formou-se o Colégio Mackenzie. Várias escolas foram fundadas, entretanto, a que merece destaque foi a de Lavras, fundada em 1908 pela missão presbiteriana norte-americana, na qual introduziram novas técnicas para a agricultura. No início os batistas estavam muito preocupados com a evangelização e observaram que a obra educativa tornava-se um elo para a difusão do protestantismo.

Na citação de Crabtree referida por Cândido Camargo, “o povo culto não aceita o Evangelho antes de ficar convencido da superioridade da cultura evangélica, pois os ideais, o modo de pensar, as instituições políticas e domésticas são influenciados pela religião católica.”¹¹

¹¹ CAMARGO, Cândido. Op.cit.p. 140.

No que se refere a quantidade de instituições escolares, podemos destacar os batistas, com escolas que introduziam um novo estilo de ensino, despertando o interesse intelectual do aluno. As técnicas pedagógicas utilizadas eram de natureza pragmática, fundadas na experimentação científica e tecnológica.

Os ensinamentos tradicionais e protestantes divergiam em vários aspectos dos quais podemos citar que o tradicional visava o ensino como continuidade à classe superior. Desse modo, a educação era privilégio de elite, sendo assim, reforçava o privilégio da classe alta. No caso da educação feminina eram ensinadas regras de etiquetas e padrões de conduta moral, que era o principal objetivo da escola católica.

As escolas protestantes, por serem influenciadas tanto pela ética religiosa como pela cultura anglo-saxã dos missionários e professores, possuíam aspectos pragmáticos e operacionais de ensino. Com o bom desempenho do ensino protestante formava-se pessoas aptas a desempenhar novos papéis ocupacionais dentro de uma sociedade aberta e competitiva.

Apesar do ensino protestante se destacar como o melhor da época não conseguiu o aumento considerável de adeptos ao novo credo religioso. De certa forma o ensino protestante serviu como veículo de ascensão e mobilidade social, independentemente dos alunos serem protestantes ou não, formando assim uma pequena geração de intelectuais, influenciando na sociedade de inclusão pela sua melhor informação e organização da liberdade nacional.

A conversão ao protestantismo estava ligada às mudanças dos padrões de vida da sociedade capitalista mais desenvolvida. As várias mudanças ocorridas na sociedade brasileiras deram-se através do interesse e aspirações de sucesso como a ascensão social, na qual o protestantismo dava possibilidade para encontrar estímulo para desempenhar novos papéis religiosos e moralmente sancionados.

O protestantismo de conversão, já mencionado, desempenhou funções inovadoras e tendentes à mudança social, muito embora outras modalidades ideológicas e institucionais também o fizessem.

Deixamos claro também que a ideologia do protestantismo não tinha assumido forma de contestação à estrutura de poder no país pois, por mais que elas fossem inovadoras, não

encontraram obstáculos institucionais que as levassem a questionar a estrutura de dominação da sociedade brasileira.

No momento em que a incompatibilidade e a hostilidade com relação ao protestantismo são substituídas pela tolerância e aceitação por parte da sociedade brasileira, modificaram de maneira visível as formas de comportamento que diferenciava os protestantes da sociedade brasileira católica.

Cândido Camargo faz uma análise em relação ao protestantismo: "... as igrejas históricas, marcadas de modo profundo por mentalidade e estilo de vida característico da classe média, passam a desempenhar, na atualidade, funções predominantemente conservadoras. Por outro lado, empregando fundamentação ética semelhante a católica, por vezes desenvolvida através de formulação teológica própria, grupos minoritários da liderança protestante desenvolveram doutrina contestatória, pondo em questão, em nome das exigências morais do Evangelho, a legitimação da estrutura social."¹²

Ao contrário do Catolicismo, o rígido controle burocrático exercido pela maioria conservadora protestante impedia a coexistência política de correntes políticas e ideologicamente antagônicas na mesma igreja.

A partir do momento que o protestantismo passa a assumir posições de "igreja", diminuem de modo evidente as conversões, mesmo assim, há um desenvolvimento nas alas pentecostais. Tais movimentos pentecostais atingem as classes mais pobres pelo fato de estarem passando por um processo de desorganização social por causa do aparecimento da rede de comunicação e comercialização do país. A religião pentecostal possui traços do protestantismo, entretanto, suas funções são basicamente em dois tipos as que levam à integração social e as de natureza terapêutica.

Analisamos que a expansão do protestantismo pelo Brasil trouxe vários benefícios como vimos anteriormente, a instalação de ótimas escolas, a melhora na vida de algumas mulheres que sofriam com seus maridos por causa de algum de seus vícios como, por exemplo, a bebida, a consolidação da ascensão social através do próprio trabalho do indivíduo e até

¹² CAMARGO, Cândido. Op. cit. p. 146.

mesmo, a família que passava a ser vista com um formato de unidade, na qual os membros eram praticantes e participantes na prática do protestantismo.

2.3- As mudanças ocorridas na sociedade face à implantação do protestantismo.

Apesar de o protestantismo não ser visto com bons olhos pela igreja católica foram criadas condições para sua aceitação através de um sistema jurídico na qual os estrangeiros tinham “liberdade de culto” (dominical ou particular). Podemos observar que na Constituição de 1824 os cultos domésticos ou particulares passavam a ser permitidos, entretanto, os lugares destinados para as celebrações não podiam possuir forma exterior de templos.

Ocorreram algumas divergências com o líder político do primeiro reinado em relação à concessão de liberdade de culto a brasileiros natos, pois só quem poderia realizar culto acatólico seriam os estrangeiros, porque a partir dos tratados de 1810, os estrangeiros tinham a liberdade de entrarem no Brasil. Dentre os defensores da liberdade religiosa para os brasileiros encontrava-se Monsenhor Moniz Tavares (Pernambuco). Para ele cabia ao governo proteger os cidadãos, independente de qual religião fizesse parte. Alegava, na época, que o próprio povo brasileiro não reclamava dessa liberdade e as conseqüências da liberdade de culto seriam a formação de templos, com cultos públicos.¹³

Com a aceitação da liberdade de culto ocorreram vários conflitos para o estabelecimento efetivo da liberdade de culto, para o esvaziamento estatístico do clero e para seu desprestígio como também para abertura, aos protestantes, do sistema pedagógico, da imprensa e do sistema político para a abertura das igrejas protestantes, do sistema patrimonial e do sistema de parentesco. } confesso

Em relação a estrutura dos templos nem sempre obedeceram a restrição constitucional interpretada pelos tratados de 1810, na qual sua forma exterior não poderia ter características de templo. Em 1842 a Igreja Evangélica em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul colocou sinos trazidos da Alemanha, até então as autoridades não reagiram a tais símbolos, mas, em 1887,

¹³ RIBEIRO, Boanerges. Op. cit. p.28.

no templo da Igreja Evangélica Luterana de Santa Maria, colocaram no sino e torre e o delegado tentou proibir tais símbolos mas perdeu a questão.

Embora a presença da religião protestante provocasse mudança, a igreja católica criava condições necessárias para sua permanência na sociedade.

Nem mesmo o modelo tridentino, antiprotestante, do catolicismo romano não teve sucesso na sociedade brasileira, as religiões acatólicas conseguiram sobreviver, embora o culto protestante dos ingleses já fosse praticado.

“Contudo, as diferenciações não se destacam em novas denominações religiosas: seus praticantes cumpriram normalmente agendas católicas romanas; a sobrevivência e até a propagação das diferenciações católicas romanas; se faziam ao abrigo de símbolos católicos romanos; os juramentos de ‘manter a religião do estado’ eram feitos pro forma, ou no sentido de uma diferenciação pelos que não eram tridentinos”.¹⁴

O protestantismo era tido pela igreja católica como uma religião acatólica, sendo assim, conhecidos como clandestinas. Por este motivo não era reconhecido oficialmente os casamentos e batismos.

De acordo com Boanerges Ribeiro “em 1824 não havia experiência de proselitismo religioso na sociedade brasileira. Somente o batismo possibilitava o registro legal do recém-nascido (e somente se conhecia o batismo católico romano). O casamento conhecido e praticado era sacramento católico romano; somente produzia efeitos civis a cerimônia católica romana de matrimônio. Os acatólicos presentes nos pais eram estrangeiros. Os protestantes, de início, limitaram-se a ignorar os cânones locais de comportamento, casavam-se perante seu pastor ou usavam expedientes diversos na ausência de pastor. Batizavam os filhos com o pastor (ou com o padre) ou aguardavam anos, até que um pastor os visitassem para batizá-los”.¹⁵

Podemos observar as diferenças até na hora da morte, os mortos católicos eram sepultados nos templos católicos. A partir de 1828, os católicos ganharam cemitérios

¹⁴ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. p.107.

¹⁵ Idem. *ibidem*. p.108.



municipais. Para os sepultamentos o padre benzia os cemitérios municipais e, sendo assim, a terra se tornava como que tridentinizada e era inadmissível que recebesse cadáveres de pessoas não católicas.

Sendo assim, os protestantes foram obrigados a construir seus cemitérios. Em Brotas, São Paulo, os presbiterianos fizeram um “cemitério evangélico” separado e distante do cemitério católico que existe até hoje no local.

Como o sepultamento teve problemas, o casamento e os registros de nascimento também tiveram problemas. Em 3 de novembro de 1827 um decreto legislativo definiu o casamento no Brasil, tornando uma instituição religiosa regulada pelo Concílio de Trento e pelas constituições do arcebispado da Bahia.¹⁶

Esse decreto criava no sistema jurídico nacional uma contradição de sérias conseqüências: ao mesmo tempo em que o país permitia a entrada de protestantes obrigava-os a decidir quanto a forma de casamento: ou aceitavam casar-se perante o padre ou sua união não seria nem legalizada e nem abençoada, conseqüentemente, seus filhos seriam ilegítimos. Em 11 de setembro de 1861 a lei 1.144 permitia às religiões toleradas o direito de celebrar casamentos com efeitos legais, embora não se aprovasse o casamento civil.¹⁷

Ribeiro Boanerges faz um esclarecimento quanto ao casamento acatólico e os cemitérios: “no desfecho republicano da questão do casamento de acatólicos; como no do caso da regularização dos cemitérios talvez se possa traçar uma transição de sociedade sacral, embora regalista, para sociedade regularizada; de antipapismo para anticlericalismo, como conseqüência, em parte, de reação contra o tridentismo exacerbado que se instalava entre nós e tratava de impor-nos o modelo antiprotestante de Catolicismo Romano”.¹⁸

Para que ocorresse a sobrevivência do protestantismo no Brasil e sua propagação os protestantes queriam o direito de cumprir na denominação protestante agendas necessárias de outros sistemas, confiadas pela sociedade ao sistema religioso. Isso se obteve entre 1861 e 1863. Sendo assim, a sociedade brasileira modifica os cânones de seu comportamento para assegurar a presença do protestantismo em seu sistema religioso.

¹⁶ RIBEIRO, Boanerges. Op. cit. p. 111.

¹⁷ Idem. ibidem. p. 114.

¹⁸ Idem. ibidem. p. 116.

Segundo Boanerges Ribeiro “Em 1861, após várias peripécias e intimidações contra os protestantes, na Corte, o **Diário do Rio** noticiava: ‘O Sr. Dr. Chefe de Polícia expediu circular aos Delegados e Subdelegados, na qual, reconhecendo consagrar a Constituição Política do Império, Art. 5º, a tolerância de todas as religiões- uma vez que o seu culto seja doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma exterior de templo, recomendou-lhes o emprego de todo o seu zelo e atividade e dos meios adequados para não serem perturbados na prática do seu culto os sectários das diferentes religiões, guardada a condição da Constituição; processando e punindo aos que fizessem demonstrações, promovessem ajuntamentos ilícitos ou assuadas, com o fim de impedir ou embaraçar o exercício daquele direito, recomendando ao mesmo tempo àquelas autoridades que fizessem também efetivas as penas dos Arts. 276, 277 e 278 do Código Criminal aos que cometessem qualquer dos crimes neles defenidos’.”¹⁹

¹⁹ RIBEIRO, Boanerges. Op. cit. p.118.

3 – Antecedentes históricos dos Batistas

3.1 – Origem dos Batistas

A palavra batista originou-se da palavra grega *baptismós* (que significa imersão, mergulho). Sendo assim, de acordo com o Novo Testamento, a forma correta de batismo era a imersão n'água, então, quando a reforma de Lutero foi implantada em 31 de outubro de 1517, surgiram dois grupos, um grupo de cristãos autênticos chamados de Anabatistas, que significa rebatizadores, e logo depois um outro grupo de cristãos receberam a denominação 'batistas'.

Com relação ao início do trabalho batista no mundo existem três teorias históricas. A primeira teoria é a de João Jordão Jerusalém. Na qual diz que os batistas vêm em seqüência evolutiva desde os tempos em que o profeta João Batista efetuava seus batismos no Jordão próximo a Jerusalém esta teoria indica que os batistas são anteriores ao ministério de Jesus Cristo, embora não haja documentos que comprovem esta teoria diversos livros foram escritos com esta idéia²⁰. No Brasil podemos destacar o livro de J. M. Carrol (*Rastro de Sangue*) que se tornou popular e defende esta teoria.

A segunda teoria é a do parentesco espiritual com os anabatistas do século XVI, por causa das semelhanças existentes em suas teorias, que defendiam que as Igrejas deveriam ser formados somente de crentes regenerados e batizados, após a confirmação de fé.²¹

A doutrina dos Anabatistas não aceitava batismo infantil, considerando tal ato como abominável, gerando dessa forma uma perseguição dos católicos, luteranos e anglicanos. Dentre as doutrinas existentes tinham o pacifismo, o sono da alma e a sucessão apostólica para a ministração do batismo, contudo, havia a proibição de ocupar cargos públicos. A existência dos anabatistas fora baseada na historiográfica moderna, através de alguns livros e também pelos documentos das confissões de fé e dos autos dos processos em que foram julgados.

²⁰ ALEXANDRE, Mário Jesiel de Oliveira. *Sal na Terra do Sol: uma história dos 80 anos da primeira igreja batista de Natal-1919 a 1999*. p. 14.

²¹ Idem. *ibidem*.

A terceira teoria é a de origem dos separatistas ingleses do século XVII. No início do século XVII a religião oficial na Inglaterra era a Anglicana, que ainda mantinha o mesmo formato da Igreja Católica Romana, surgiu um grupo que não concordava com a doutrina Anglicana e passava a ser denominado de puritanos. Assim, um grupo de cerca de 40 separatistas adotaram a prática do batismo por imersão e foram chamados pela primeira vez de batistas recebendo como líderes John Smyth e Thomas Helluys.²²

A primeira Igreja Batista foi organizada no ano de 1612, no lugar chamado Spitalfulds, localizado nos arredores de Londres. Em março de 1639 Roger Williams com mais nove irmãos fundaram a primeira igreja batista nos Estados Unidos da América, iniciando a primeira Igreja Batista de Providence, no atual Estado de Rhode Island. Em 1871 a nova constituição norte-americana conhecida como Carta Magna separava a Igreja e o Estado, estabelecendo a liberdade religiosa. Em 1882 foi organizada a primeira Igreja Batista no Brasil, em Salvador/BA.

3.2 – Os Batistas no Brasil

As missões protestantes instaladas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX faziam parte de um movimento maior de expansão norte-americana na América Latina como um todo. Os missionários que vinham pregar o evangelho no Brasil chegavam ao território brasileiro no mesmo navio de comércio de café.²³

Os primeiros missionários batistas William Bagby e Ana L. Bagby desembarcaram no Rio de Janeiro, mas decidiram começar o trabalho batista na Bahia por várias razões, principalmente pelo fato da Bahia ter sido capital civil e agora ser a capital eclesiástica do país. Em 15 de outubro de 1882 foi organizada, em Salvador, a primeira Igreja Batista do Brasil, com cinco membros: o casal de missionários Bagby e o ex-padre Teixeira Albuquerque. 3

²² ALEXANDRE, Mário Jcsicl de Oliveira. Op.cit. 14-15.

²³ SILVA, Elizete da. História das Religiões no Brasil: Protestantismo e representações políticas. p.590.

Em 1910, um grupo de membros da primeira Igreja Batista da Bahia separou-se e organizou a Igreja Batista do Garcia e em seguida a Missão Batista Independente, com orientação administrativa e sustento financeiro estritamente nacional, sem nenhum vínculo com a Junta de Missões Estrangeiras sediada nos EUA, que administrava e financiava a denominação batista em todo país. Os batistas baianos eram sempre tratados pelos americanos como: “irmãos nativos”, poucos letrados e de difícil entendimento da doutrina. ✕

A estrutura social da Bahia, no período, possuía fortes marcas do escravismo da sociedade burguesa agrocomercial, era composta por comerciantes especialmente os estrangeiros, sendo assim, os anglicanos identificavam-se com as camadas mais altas e cultas de Salvador.

As profissões dos batistas coincidem com as atividades típicas das camadas mais baixas da população, compostas principalmente por pessoas que viviam principalmente do trabalho manual e braçal. O núcleo inicial da comunicação era formado por membros de categorias profissionais consideradas como classe baixa. A maior parte dos membros da igreja morava no arrabalde do Garcia, um local afastado do antigo centro da cidade e habitado, principalmente, por trabalhadores de baixo poder aquisitivo .

Em 1919, os batistas independentes, de classe mais baixa, eram desprovidos de recursos materiais e intelectuais, já os de melhor poder aquisitivo como professores e guardalivros ao se tornarem membros da Igreja de Garcia recebiam um lugar de destaque na comunidade.

A instalação da República teve uma repercussão positiva e alentadora para a comunidade batista, pois, houve a separação da Igreja e do Estado. Com a República veio também a liberdade de culto e o fim das perseguições que os protestantes sofriram e as humilhações decorrentes da hegemonia do catolicismo²⁴ .

Os batistas independentes seguiram a mesma linha dos batistas da Convenção Batista no que se diz respeito à República e dos benefícios que ela trouxe para os evangélicos no que concerne à liberdade religiosa. A crítica feita pelos batistas independentes à República

²⁴SILVA, Elizete da. *História da religiões no Brasil: protestantismo e representações políticas*. p. 595.

brasileira deu-se pelo fato de não haver respeito para com os cidadãos, (respeito de voto). Constatando varias fraudes eleitorais.

Os batistas independentes tinham como membros na sua maioria pobres e negros, conhecendo, assim, a realidade brasileira. Os batistas independentes eram operários, pobres e negros. Sem a tutela dos missionários norte-americanos, tiveram maior autonomia para criticar a estrutura política baiana, mas foram impedidos de participarem da vida política temendo a politização dos membros e a participação em agremiações políticas que poderia culminar em grandes concorrentes com a política local.

Os anglicanos temiam que a transição republicana se transformasse em um movimento armado ocasionando instabilidade política e prejuízos aos negócios dos comerciantes e fiéis britânicos. Cada vez mais a República distanciava o país da órbita inglesa e o aproximava do seu temível concorrente os Estados Unidos da América.

Em 1902 os protestantes em geral e os batistas temiam que a nova república cedesse a hegemonia católica e retornasse o antigo regime do período imperial no qual, a igreja católica e o Estado estavam unidos politicamente.

Segundo Elizete da Silva, “Os fundadores da Missão Batista Independente assinaram um protesto no qual criticavam de forma contundente o autoritarismo dos missionários, usando uma representação muito cara aos batistas pelo fato de considerarem-se como vivenciadores da plena democracia, em função de seu governo congregacional”.²⁵

De acordo com Elizete da Silva, “Os batistas ao longo do universo cronológico, continuavam um grupo minoritário, de baixa renda, identificados com as camadas mais baixas da sociedade baiana que, por sua vez, estavam alijadas da participação política, a não ser para referendar com o voto de cabresto, quando lhes era permitido, os oligarquias dominantes”.²⁶

Como cita Elizete da Silva, os batistas independentes, livres da tutela dos missionários estrangeiros, desenvolviam uma visão crítica dos problemas políticos, apontavam razões políticas dos maus governos, que só lembravam dos pobres na hora da eleição, e a exploração dos ricos capitalistas na origem dos problemas sócio-político do país.

²⁵ SILVA, Elizete da. *História das religiões no Brasil: Protestantismo e representações políticas* p. 602.

²⁶ Idem. *ibidem*. p. 602, 603.

4 – O Protestantismo no Rio Grande do Norte

4.1- Os antecedentes históricos dos evangélicos no Rio Grande do Norte.

Quem iniciou o trabalho de evangelização em Natal? Fez-se em Natal um trabalho de difusão da Bíblia em 1879, no qual participaram dois colportores Francisco Filadelfo de Souza Pontes e João Mendes Pereira Guerra. Essas pessoas possuíam uma pequena formação teológica e tinha por sua responsabilidade a venda e distribuição de Bíblias e literatura.

Podemos dizer então que o primeiro contato dos natalenses com os evangélicos foi através dos trabalhos de difusão da Bíblia feito pelos colportores e posteriormente por pregadores e missionários. No Rio Grande do Norte, pele que se sabe, a primeira reunião ocorreu em 1883 na cidade de Mossoró/RN, onde esteve presente o missionário De Lacey Wardlaw que fez as primeiras pregações evangélicas de Mossoró. Na igreja encontrava-se cerca de 23 membros adultos e 13 crianças, conforme os dados citados pelo presbitério de Pernambuco em 1888.²⁷

A cidade de Mossoró foi fundada no dia 09 de novembro de 1870, cujo seu nome é derivado da palavra indígena “monxoró”. Mossoró foi a primeira cidade do interior a iniciar o trabalho protestante e na ordem cronológica a terceira na fundação das Igrejas Batistas no Rio Grande do Norte.

Durante a década de 1940 o trabalho evangélico da Igreja Batista estacionou devido a recém criada Convenção Batista não possuir condições financeiras de manter tal trabalho no interior. Somente na década de 1950, com o reaparecimento dos batistas e da presença do Sr. José Ferreira de Lemos, membro da Igreja Batista de Pernambuco que fixou residência na capital do Oeste Potiguar no ano de 1951, o trabalho foi reiniciado.

José Ferreira de Lemos era funcionário público federal e corria o risco de ser transferido no mesmo Estado ou de um Estado para outro. Verificando que na cidade de

²⁷ ALEXANDRE, Mário Jcsicl de Oliveira. *Raízes dos Batistas Potiguares*. p. 17.

Mossoró não existia um trabalho genuinamente batista, decidiu iniciar alias reiniciar o trabalho através de um ponto de pregação do Evangelho na sua própria casa.²⁸

Os batistas para se fortalecerem decidem juntar-se a Convenção Batista Norte-Rio-Grandense, sob orientação do pastor Brelaz. Com esta incorporação efetuada o grupo batista liderado por José de Lemos unem-se aos batistas regulares.

José de Lemos teve um papel de destaque na evangelização do cenário potiguar. Outra figura de destaque foi seu filho Osório Lemos, o qual durante as décadas dos anos de 1940 e 1950 ocupou lugar de projeção na evangelização do oeste, ao lado do obreiro pastor Gumerindo Medeiros e outros evangélicos.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, Osório Lemos, segue para a Amazônia como “Soldado da Borracha”. Na Amazônia Osório Lemos segue com missionários pentecostais e absorve suas doutrinas. Ao retornar para o Rio Grande do Norte, Osório Lemos empenha-se em pregar o evangelho pela região oeste potiguar, influenciado pelas doutrinas pentecostais, organizou trabalhos em quase todos os municípios existentes naquela região. Esses trabalhos evangélicos eram realizados nos moldes da chamada “Igreja de Cristo” com características pentecostais.

Em Natal os primeiros trabalhos evangélicos apareceram por volta de 1887 com umas conferências evangélicas no teatro Santa Cruz no centro da cidade. Participaram dessa conferência o missionário presbiteriano De Lacey Wardlaw e o Rev. Belmiro de Araújo. Dentre as conversões a mais importante a que daria início ao trabalho evangélico em Natal, foi a do professor Joaquim Lourival Soares da Câmara.

Na citação de Wicliffe A. Costa referida por Mário Alexandre, “O professor Joaquim Lourival era chamado de professor Panqueca. Tornou-se a pessoa mais interessada na divulgação das doutrinas evangélicas, pois tinha pensamentos contrários ao monopólio religioso católico romano até então existente. Pelo fato de o professor Panqueca ser tão dedicado ao seu trabalho evangélico de divulgar as novas doutrinas os primeiros evangélicos

²⁸ ALEXANDRE, Mário Jcsicl de Oliveira. *Raízes dos batistas potiguares*. p. 64.

da cidade começaram a ser chamados 'panquequistas' e a 'Bíblia conhecida como o livro do professor Panqueca'.

²⁹

Através da influência dos "panquequistas" e a chegada de um missionário residente implantaram em 1895 a congregação presbiteriana de Natal, entretanto, esta estaria subordinada ao Presbitério de Pernambuco.

De acordo com a citação de Mário Alexandre a Igreja Batista surgiu da difusão de alguns membros ocorrida na Igreja Presbiteriana: "Na quarta sessão da Igreja Presbiteriana, realizada em 18 de abril de 1896, constou no livro de atas o surgimento de uma cisão interna entre os seus membros. Os responsáveis citados na ata foram os irmãos Joaquim Lourival Soares da Câmara, Pedro José de Lima, Pedro Lopes Cardoso Filho, Basílio Soares da Câmara Pinto, Luciano de Siqueira Varejão, Manoel Vital dos Santos Romano, Luis de França Ferreira e Manoel Celestino de Carvalho Botelho, sendo oito no total. A Igreja, reunida nessa sessão resolve convocá-los a comparecer na sessão posterior, uma vez que estavam infringindo normas e doutrinas presbiterianas. Na referida ata assim consta "A graça e paz do Senhor Jesus Cristo sejam convosco – a sessão da Igreja Presbiteriana do Natal – vos cita convidando-os a comparecer perante ela na sala de culto, à rua da Conceição, nº2, no dia 28 do corrente, às 19:00 horas para responder-lhes pela falta por vós cometida contra o amor e disciplinas na Igreja. (Ata, 4ª sessão, IPN, 1896)".

³⁰

Com a cisão de alguns membros da Igreja Presbiteriana do Natal surgiu uma congregação independente que teve como causa principal dessa separação as práticas doutrinárias, pois para esse novo grupo, liderado pelo irmão Joaquim Lourival Soares da Câmara, o batismo deveria ser por imersão e apenas os adultos regenerados poderiam ser batizados.

Essa congregação independente começou a observar em outubro de 1896 que suas doutrinas, ou melhor, suas idéias eram parecidas com as das Igrejas Batistas, que nesta época já existiam no estado de Pernambuco, sendo assim, entraram em contato com o pastor da 1ª Igreja Batista de Recife o evangelista Wandrezélio de Melo Lins e convidaram-no para vir a Natal e dar início ao trabalho Batista no Rio Grande do Norte. Melo Lins antes de retornar a

²⁹ ALEXANDRE, Mário Jesiel de Oliveira. *Sal na Terra do Sol*. p. 18

³⁰ Idem. *ibidem*. p.19.

Recife ministrou batismo bíblico a 11 pessoas dos quais o professor Lourival encontrava-se incluído.

A Igreja Batista de Natal incorporou-se de imediato ao campo batista pernambucano, que na época chamava-se União Geral das Igrejas Batistas de Pernambuco. Esse campo batista abrangia os estados de Pernambuco, Alagoas e agora o Rio Grande do Norte.

4.2 – A Primeira Igreja Batista no Rio Grande do Norte



A partir do início do século XX, os Batistas do Rio Grande do Norte começaram a desenvolver um trabalho sistemático. Podemos dizer que foi durante o desenrolar da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1919) que o trabalho começou a renascer.

Em 1915, um crente batista, oficial do Exército Brasileiro, o Tenente Henrique do Nascimento Gonçalves, chegou a Natal para comandar uma expedição que iria defender a costa brasileira e, espiritualmente, trabalhar com os batistas para engrandecer o reino de Deus. A sua guarnição militar estava fixada na Avenida Rio Branco, local hoje utilizado pelo Colégio Winston Churchill.

O tenente Henrique Gonçalves reiniciou a divulgação batista pela cidade, congregando irmãos e reorganizando a congregação. Durante quatro anos, Henrique realizou este trabalho de evangelização e ao término desses anos, estava pronto para organizar oficialmente a Primeira Igreja Batista de Natal. Nesta época o trabalho era mantido pela Primeira Igreja Batista da Paraíba, (organizada no dia 20 de janeiro de 1914).

Segundo relata Mário Alexandre, foi no dia 13 de maio de 1919 que foi organizada solenemente a Primeira Igreja Batista de Natal, com 15 membros, dados encontrados na Ata histórica da Igreja que assim consta: “ Nos treze dias do mês de maio de 1919, na casa de cultos da congregação dos crentes batistas residentes em Natal, capital do Rio Grande do Norte, às 19:00 horas, estando presente o missionário, representante da missão Batista em Pernambuco, Dr. L. I. Johnson, foi organizado a Primeira Igreja Batista de Natal. Tendo sido entoado o hino n. 99 do Cantor Cristão, seguindo de oração e recitação do Salmo 85. Foi lida

uma carta da Igreja Batista da Paraíba, contendo as cartas demissionárias dos seguintes irmãos, (que a proporção em que iam sendo mencionadas as suas presenças, recitavam um versículo das Escrituras), a saber: Henrique do Nascimento Gonçalves, Francisco Paulino Raposo da Câmara, Pedro Henrique do Nascimento, João Lins da Silva, Avelino Gomes Teixeira, e mais os aceitos no dia anterior: Balbino de Moraes, Rita Lins e Maria Francisca de Moraes; assim como os irmãos ausentes em outros estados Maria Emília de Moraes, Moisés Moreira de Carvalho, no Pará e João Batista de Medeiros, na Bahia, constituindo ao todo 15 membros, sendo três ausentes; pelo que o reverendo Johnson invocou as bênçãos de Deus sobre a igreja que iria ser organizada: moderador, L. L. Johnson e secretário, Henrique do Nascimento Gonçalves. Pelo secretário foi lida uma carta de saudação do pastor Augusto F. Santiago, da Paraíba, justificando, também, não poder estar presente por motivo previsto no seu campo. Em seguida o moderador mandou proceder a leitura das regras de fé, governo das igrejas Batista e no respectivo pacto, sendo essas peças adotadas pela nova igreja que foi organizada em harmonia e solidariedade com a Convenção Batista Brasileira. Entoando o hino 187 do Cantor Cristão, foi eleita a mesa administrativa que ficou assim constituída: Pastor e Moderador (interino) Augusto F. Santiago; Vice-Moderador e Diretor de Culto, Henrique do Nascimento Gonçalves; Secretário, Pedro Henrique; Tesoureiro, Avelino Teixeira; Superintendente da Escola Bíblica Dominical, Francisco Raposo da Câmara e Presidente da Sociedade de Senhoras, Clotilde Gonçalves, que depois da oração foram considerados empossados em seus cargos. Em seguida foi proposto o sermão oficial pelo pastor Johnson que discorreu proficientemente sobre assuntos de proveitosas lições para a edificação da nova Igreja. Depois foi dada a palavra aos presentes. Falou o irmão Henrique Gonçalves, representando o pastor Augusto Santiago e a Igreja da Paraíba. Em seguida falou o pastor L. L. Johnson pela Missão Batista Pernambucana e pelas 33 igrejas do campo; saudou a Igreja de Natal entoando um hino, durante o qual foram permutadas as saudações fraternais, encerrando a sessão com a oração feita pelo Moderador. E para constar, lavrou-se a presente Ata que vai assinada pela mesa organizadora. E eu, Henrique do Nascimento Gonçalves, Secretário ad hoc, a escrevi”³¹

³¹ Livro de Atas da 1ª Igreja Batista, p 01 c 02.

As primeiras reuniões da igreja foram realizadas na casa de Pedro Henrique do Nascimento, que era sapateiro. No dia 6 de junho de 1919, foi estabelecido um ponto de pregação no bairro do Alecrim. Em seguida, os batistas realizaram trabalho evangelísticos nos municípios de Extremos e Ceará-Mirim.

Os trabalhos dos batistas continuavam a serem realizados na casa de Pedro Henrique, só em 20 de dezembro de 1920, um ano após o início do trabalho, a igreja adquiriu um terreno a um negociante chamado Roque, no qual possuía um armazém e transformaram-no em um templo. Este templo estava localizado no centro da cidade, na rua Bica da Telha, que posteriormente passou a se chamar rua Domingos Sávio.

O trabalho estava prosperando, entretanto, surgiram uns “molequinhos” que começaram a jogar pedras e areias no templo, no horário dos cultos da igreja. Os crentes da época, segundo relatos de Mário Alexandre, recebiam alguns apelidos como, “Capa Verde”, “Missa Seca” e “Bodes”.

As primeiras estruturas da Primeira Igreja Batista de Natal era um mercadinho adaptado como um templo sua iluminação era na base do lampião. Seus bancos não tinham encostos e as revistas da Escola Bíblica e o Jornal Batista vinham da Casa Publicadora Batista, sediada no Rio de Janeiro

A Primeira Igreja Batista de Natal, após votação, no dia 29 de setembro de 1968, decide mudar seu local de culto para um templo da Congregação Emanuel na rua Presidente Bandeira em Lagoa Seca, contudo a igreja passou a enfrentar vários problemas, dentre eles a cada dia diminuía-se a frequência das pessoas nos cultos. Nesta época os cultos já não eram realizados no domingo à noite.

4.3 – Relatos do 1º Instituto Batista em Natal e as novas igrejas

No ano de 1935 chega ao Rio Grande do Norte o missionário Tumblim e sua esposa Francis Marrow Tumblim, com eles inicia-se uma nova fase do trabalho Batista potiguar.

Nesta mesma época, chegava o pastor José Florêncio para assumir o pastorado da 2ª igreja Batista do Natal.

O pastor José Rodrigues juntamente com Tumbim idealizou a formação do Instituto Batista de Natal, fundado no ano de 1938. O surgimento dessa nova instituição escolar na cidade só veio trazer contribuições para denominação batista e aos poucos os alunos iam conhecendo o cristianismo.

O Instituto Batista de Natal teve suas primeiras instalações numa pequena casa no centro da cidade, local onde surgiu anos depois o Colégio Sete de Setembro. Posteriormente, mudou-se para uma casa na av. Deodoro, onde funcionou durante algum tempo.³²

O Instituto Batista de Natal permaneceu fechado de 1941 a 1944, pelo fato do casal Tumbim ter ido para os Estados Unidos. Em 1944 ao retornarem ao Rio Grande do Norte retomaram também as atividades escolares.

No que diz respeito ao pastor Florêncio, enquanto pastoreava a 2ª Igreja Batista ou melhor, a Igreja da rua Mossoró, aproveitava seu tempo livre para estudar o hebraico entre os judeus radicados em Natal. Com o desenvolver de seus estudos foi convidado para ser professor de hebraico no Seminário Teólogo Batista no Norte do Brasil, na cidade do Recife e contribuir com o preparo teológico e com a direção do Colégio Americano Batista.

Com a saída do pastor Florêncio os Tumbim precisariam convidar outro obreiro para ajudá-los a prosseguir com o trabalho no instituto, tal convite foi feito ao pastor Galbino Brelaz que no momento encontrava-se em Pernambuco..

Aceito o convite o pastor Galbino Breloz chegou a Natal no dia 09 de Janeiro de 1949, com dois grandes desafios pela frente, a reconstrução da 2ª Igreja Batista do Natal e a instalação do novo Instituto Batista no rua Meira e Sá.³³

Já havia se passado três anos que o Instituto Batista não funcionava, somente no dia 2 de fevereiro de 1949, foi que os alunos voltaram às aulas.

³² ALEXANDRE, Mário Jesiel de Oliveira. *Raízes dos batistas potiguares*. p. 61.

³³ Idem. *ibidem*.

Segundo Mário Alexandre: "...era a maior instituição escolar por matrícula da cidade, fato este de grande importância para a história da denominação, uma vez que o colégio recebeu os maiores elogios do Governo do Estado pelo bom desempenho de seus professores e pela influência benéfica ao orientar os seus alunos através da Bíblia Sagrada." ³⁴

Foi no ano de 1964 que o Instituto iniciou o curso ginasial e passou a ser chamado de Ginásio Batista do Natal. Foi uma grande vitória da direção, a cada dia o Colégio Batista configurava-se como um dos membros da capital.

Segundo Mário Alexandre o Instituto Batista do Natal passou por três períodos distintos assim definidos: "**Período do Alicerce** (1938 a 1949), onde destacaram-se as presenças do missionário John A. Tumblim e do pastor José Florêncio Rodrigues. **Período de Glória** (1949 a 1965) – neste período o protagonista foi o pastor Gabino Brelaz, que conseguiu transformá-lo em uma das maiores instituições escolares de Natal. Instalou em definitivo o Instituto na rua Meire e Sá. Ampliou as salas de aula do prédio e construiu o 'Edifício Tumblim' ou Salão Nobre, como era conhecido. Criou o curso ginasial, onde conseguiu duplicar o número de estudantes matriculados. Neste período, o Instituto Batista tornou-se bastante popular. Muitos dos doutores de hoje ali aprenderam as primeiras lições. E, por fim, o **Período de Turbulência** (1965 a 1980). Com a morte do pastor Galbino Brelaz em 1965, o instituto entrou em uma fase muito difícil. A criação desordenada de novos colégios diminuiu acidentalmente o número de matriculados. Por outro lado, a crise internacional que afetou e afeta o nosso país, deixou a instituição afogada em dívidas como, por exemplo, a do **IAPÁS**. Houve, também, a crise da educação brasileira com a implantação de cursos profissionalizante que colocava em dificuldades aqueles colégios que não tivessem uma estrutura econômica bastante sólida, haja vista a necessidade de implantação de natureza física e aquisição de recursos humanos especializados. O somatório dessas dificuldades externas, juntamente com os problemas internos, e a falta de um educador de tempo integral na direção do mesmo, resultou no fechamento de suas portas" ³⁵.

³⁴ ALEXANDRE, Mário Josiel de Oliveira. *Raízes dos batistas potiguares*. p. 61

³⁵ Idem. *ibidem*. p. 63.

Essa instituição que tanto fez pela educação das crianças não perdura até hoje. O Colégio Batista que foi fundado visando a educação e, ao mesmo tempo, a evangelização dos jovens estudantes de Natal estava fechado sem as pessoas entenderem o porquê.

Assim como surgiu o Instituto Batista também surgiram novas igrejas podemos selecionar várias, porém, iremos nos deter nas novas congregações batistas em Natal.

De acordo com Mário Alexandre a ordem cronológica das novas igrejas foi: Igreja Batista do Bom Pastor (02/06/1968), Igreja Batista do Sinai, ex Rocas (27/10/1968), Igreja Batista do Calvário (26/08/1968), Igreja Batista do Bairro Vermelho (12/01/1969), Igreja Batista da Eperanca (19/11/1969).

Conclusão

Inicialmente fizemos um levantamento histórico de como chegou o protestantismo no Brasil, enfatizamos suas duas primeiras chegadas tanto com os franceses como com os holandeses, embora essas primeiras tentativas não tinham dado certo.

Mesmo com as primeiras derrotas acerca da implantação do protestantismo teriam sido frustrados, o Brasil não deixou de ser visto com bons olhos pelos protestantes. Pelo que podemos observar a Holanda passava por crises econômicas com a queda do açúcar e também sofria perseguições religiosas pela igreja católica, com isso viam o Brasil tanto como um refugio religioso com uma esperança de desenvolver o comércio que na Holanda estava em decadência.

Para que a propagação do evangelho fosse possível também nas terras brasileiras os protestantes utilizaram-se dos tratados de 1810 que permitia a livre transição de estrangeiros pelas Américas e dessa forma e possibilidade do ingresso do protestantismo no Brasil, que até então era barrado pela igreja católica, todos os imigrantes ao chegarem no Brasil eram revistados e caso fossem protestantes eram enviados de volta e sua permanência no Brasil era proibida.

Podemos desta forma analisar como foi difícil a chegada do protestantismo no Brasil, mas em meio a tantas lutas, tantas barreiras, o poder de Deus falou mais alto e aos poucos as barreiras foram se quebrando e o evangelho de Jesus Cristo ia penetrando no Brasil.

} discurso religioso

Nossa primazia nesse trabalho foi analisar a origem dos batistas em Natal que, de certo modo, ficaria difícil entender se não tivéssemos feito um estudo de onde tudo começou.

Em seguida procuramos descrever, ao longo, destas páginas a influência norte-americana com a formação de presbitérios e batistas respectivamente nos anos de 1869 e 1882, e a instalação de escolas primárias e secundárias, visto que os protestantes que aqui chegavam tinham uma certa preocupação com o analfabetismo pois, dificultava a prática da leitura bíblica.

Observamos no decorrer do estudo para a realização deste trabalho que os protestantes tinham grande preocupação na vida escolar dos cidadãos, tendo suas escolas recebido vários elogios pela excelente qualidade de ensino, buscavam, entre outras coisas, uma melhor interação dentro da família com a participação dos mesmos nos cultos domésticos.

Podemos constatar também que no início do trabalho em Natal os evangélicos receberam alguns apelidos desagradáveis e ainda certas "cordialidades" como na hora do culto serem recebidos com pedras e areia jogadas por alguns "moleques".

Mesmo assim nada que às pessoas contrárias ao protestantismo fizessem impedir o crescimento da Igreja Batista e com ela o aumento de evangélicos no Rio Grande do Norte.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Mário Jesiel de Oliveira. Sal na Terra do Sol: uma história de 80 anos da primeira igreja batista de Natal. 1919 a 1999. Natal(RN): Offset Gráfica, 1999.
- _____ . Raízes dos Batistas Potiguares. Natal: FJA, 1984.
- BRANDÃO, Sylvana, org. História das religiões do Brasil. Recife: Ed. Unpe, 2001. vol. I. 410p. (Ver) SANTOS, João Marcos Leitão. Protestantismo e missão indígena no Brasil. p. 214.
- BRANDÃO, Sylvana, org. História das Religiões do Brasil. Recife: Ed. Unpe, 2002. vol. II. 678p. (Ver) SILVA, Elizete da. Protestantismo e representações políticas. p. 585.
- CAMARGO, Cândido Procópio F. Católicos, protestantes, espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CASCUDO, Luis da Câmara Cascudo. História da cidade do Natal. Natal: Nordeste, 1999.
- RIBEIRO, Boanerges. O Protestantismo no Brasil Monárquico. São Paulo: Pioneiro, 1973.
- RIBEIRO, Domingos. Origem do Evangelismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Est. Graf. Apollo, 1937.